

MARIO FRAGA – O VIAJANTE

Mario Fraga continua em sua inquietude o mesmo inventor-viajante na faina de pintor.

Para além da tela convencional, para além do muro de arrimo do arquiteto (de origem) Mario Fraga indaga-se de novas possibilidades de liberdade e vai encontra-las numa utopia que passa a ser realidade. A cor flutuando solta no espaço, pura nuvem colorida.

Com esse trabalho “In Vitro” ele se insere na história das experimentações como um viajante do sonho realizado através de processos industriais, numa fábrica de vidros.

O encontro foi generoso de ambas as partes.

A pintura no interior de vidros laminados e a fusão-fixação da cor em altas temperaturas foi um caminhar de maneira empírica colocando questões técnicas precisas: quais pigmentos, como aplicá-los e a posterior permanência como cor –luz. O túnel era escuro, mas brilhava a luz ao longe.

Deu-se um novo encontro para esse viajante. E fértil.

O uso de placas de vidro nessa experimentação gera (para a percepção do espectador) uma bilateralidade que obriga-se a ser pendurada por fios do teto não como mero capricho, mas em função do próprio material e a devassa da paisagem através dessas placas. O entorno transita por entre as manchas de cor. O desenho da pincelada flutua solto, a grafia é delicada ou violenta, e como objetos pairando, ela envolve o passante em uma visualidade forte. Sua poética é singular.

Na fábrica o impacto das enormes placas penduradas entre outras menores ou cascatas de pequenas formas geométricas triangulares, formam fulgurosa visão da “instalação” no galpão-fábrica. As cores magenta, cian, amarela e verde tecem uma teia majestosa.

O conjunto brilha ao sopro dos raios de um sol da manhã.

Uma sonoridade não-ouvida, estremece os corações.

Lá está a faina concluída, Após três anos.

Sem interferência de nada, uma ou outra placa move-se em rotação, impulsionada talvez pelo movimento cósmico no cosmo-cenário pintado de preto. As formações criam fusões colorísticas que se fazem e desfazem como ondas no mar.

Há uma pulsação de cristais, o frio do vidro encandece de cor-luz, aquecido pela emoção.

Fragmenta-se de tal forma o engenho do vidro com a cor “ensandwichada” entre esses suportes não-visíveis que parece uma explosão de estrelas que se propagam em formas infinitesimais.

Como fractais.

Esse é o bojo da invenção-arte e o Viajante nos conduz para o interior de uma pedra fosca e bruta que se abre em miolo no galpão: pura joia cintilante, inconsútil loucura.

Conceitualmente cada placa é pintura, sem dúvida, mas é também plano arquitetônico. E como o processo arquitetônico pode recobrir fachadas desde o rés-do-chão ao topo do edifício.

Como pele cromática sem limites de ocupação, ela armará cromos poéticos sequenciais, sincopados e todos os outros que o desejo do Viajante quiser.

Para esse experimento criado urge nova informação. Funde-se a mão do homem e seu sinal expressivo com os sistemas produtivos tecnicamente controlados e codificados. Foram fendidos, eles.

Um novo design se delineia.

A nós, resta desfrutá-lo.

Lygia Pape

Rio de Janeiro 4 de agosto de 1991